

# Lenin e o “taylorismo soviético”: uma abordagem crítica<sup>1</sup>

Angela Lazagna<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo analisa o lugar privilegiado que o Sistema Taylor ocupa no pensamento de Vladimir I. Lenin. O movimento taylorista, identificado com o movimento de organização do trabalho, pode ser definido como um conjunto de técnicas que, aplicadas ao processo produtivo, busca reduzir o trabalho a um ciclo de gestos repetitivos através da aceleração do seu ritmo, a fim de suprimir os “poros” da jornada de trabalho (“poros” que traduzem as características antagônicas do processo de produção capitalista). Lenin, ao atribuir ao taylorismo um papel contraditório (aspectos “positivos” e “negativos”) no aumento da produtividade, defende a sua aplicabilidade à Rússia pós-revolucionária, através de um processo de adaptação sob o controle da ditadura do proletariado.

**Palavras-chave:** Taylorismo, processo produtivo, Lênin.

**Abstract:** This paper analyzes the privileged place of the Taylor System in Vladimir I. Lenin’s thought. Identified with work organization, the Taylorist movement can be defined as a set of techniques applied to the production process to reduce work to a cycle of repetitive gestures and accelerate its rhythm. It thus fills up the “pores” of the working day, which reflect the antagonistic characteristics of the capitalist production process. When he attributes a contradictory role (“positive” and “negative” aspects) to Taylorism in productivity growth, Lenin advocates its applicability to post-revolutionary Russia through an adaptation process under the control of the dictatorship of the proletariat.

**Keywords:** Taylorism, productive process, Lênin.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão modificada de um capítulo publicado no livro *Taylorismo. Após 100 anos nada superou o modelo de gestão?* (Rio de Janeiro, Qualitymark, 2009), organizado por Paulo Moreira da Costa. As traduções das citações em outras línguas foram feitas por mim, A. L.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Política e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: alazagna@gmail.com.

## Introdução

A teoria marxista da história se desenvolve através das experiências históricas das lutas de classes, sendo a Revolução Russa de outubro de 1917 um divisor de águas nesse avanço. Os ensinamentos e contradições que marcaram essas experiências indubitavelmente repercutiram nas reflexões dos líderes revolucionários. A teoria de Vladimir I. Lenin sobre o Estado na transição socialista é, nesse sentido, uma contribuição inovadora ao desenvolvimento do marxismo. Em *O Estado e a revolução*, Lenin apresenta duas teses centrais: a necessidade da destruição do Estado burguês pela revolução proletária como condição para a transição ao comunismo e a ditadura do proletariado, que se configura como um semi-Estado, um Estado em extinção (MARTORANO, 2002, p. 81). Ao analisar o papel exercido pelo Estado no capitalismo, Lenin identifica a existência de um aparato repressivo estatal e de um funcionalismo/burocracia estatal como imprescindíveis à manutenção da dominação de classe. A revolução proletária abre a possibilidade para a superação desse aparato repressivo através da sua substituição pelo *povo em armas* que passa a defender diretamente a ordem pública, bem como do funcionalismo e da burocracia, que são submetidos a um controle especial: seus membros devem ser eleitos e exonerados segundo as exigências das massas e remunerados de acordo com o salário operário (LENIN, 1980d, p. 17-18)<sup>3</sup>. A adoção e a aplicação dessas medidas pelo governo dos trabalhadores têm como objetivo a extinção de uma representação política cristalizada em uma camada estatal privilegiada e separada do controle das massas. Logo, o Estado sob a ditadura do proletariado desenvolve os elementos que conduzem à sua própria destruição<sup>4</sup>. A transição entre o capitalismo e o comunismo, que Lenin identifica à ditadura do proletariado<sup>5</sup>, compreende, pois, um novo período de luta de classes:

... a ditadura do proletariado é também um período de luta de classes, que é inevitável enquanto as classes não tiverem sido suprimidas e *que muda as suas formas*, tornando-se particularmente encarniçada e particularmente específica durante os primeiros tempos após o derrubamento do capital.

<sup>3</sup> Segundo Martorano (2002: 83-84) em sua análise sobre a burocracia e a transição socialista, nas sociedades pós-revolucionárias, tanto a restauração do exército profissional quanto da burocracia (que, ao manter a hierarquia vertical das funções estatais, impede a democratização do acesso às tarefas estatais) são sintomas de restauração do Estado capitalista.

<sup>4</sup> Sobre uma análise dos elementos socialistas presentes na experiência histórica da Comuna de Paris (1971), ver Martorano (2001).

<sup>5</sup> De acordo com Balibar (1999: 327-328), Lenin confere ao conceito de ditadura do proletariado um sentido tendencialmente novo: “...um *período histórico de transição* entre capitalismo e comunismo (e não apenas uma forma política ou uma ‘forma de governo’ de transição”.

Uma vez conquistado o poder político, o proletariado não cessa a sua luta de classe, antes a continua até a supressão das classes, mas naturalmente noutras condições, sob outras formas e com outros meios” (Lenin, 1980c, p. 150, grifo meu, A. L.)

Como bem ressalta Martorano, (2002, p. 41-42), Lenin não identifica a estatização dos meios de produção (a expropriação jurídica das fábricas dos capitalistas e das terras dos proprietários fundiários) à instauração de novas relações de produção de caráter socialista. Lenin ressalta a necessidade da socialização dos meios de produção que deve ser iniciada através do controle operário da produção; *a contabilidade, o controle da produção e a sua distribuição* só poderiam ser “obra das massas” e não dos especialistas. Para Lenin, mesmo que a expropriação dos capitalistas viabilize “um desenvolvimento gigantesco das forças produtivas”, ela não elimina prontamente “uma das principais fontes da desigualdade *social*”: a “oposição entre o trabalho intelectual e o trabalho manual” (1980 a, p. 287). A “organização do registro e do controle”, não somente das tarefas administrativas do Estado, mas da sociedade como um todo – “aparelho dos correios, das estradas de ferro, das grandes fábricas, do grande comércio, dos bancos etc”, pelas massas é o que possibilitaria a superação daquela divisão. A simplificação dessas tarefas, que já teria sido realizada pelo capitalismo, é o que garante o seu exercício pelas massas. “O registro disto, o controle disto, *foram simplificados* em extremo pelo capitalismo, até operações extraordinariamente simples de vigilância acessíveis a qualquer pessoa alfabetizada...” (1980 a, p. 290), de modo que “Toda a sociedade será um único escritório e uma fábrica, com igualdade de trabalho e igualdade de salário” (1980 a, p. 291). Nesse processo de registro e controle, os especialistas burgueses deveriam ser submetidos ao controle operário e não mais ao controle dos capitalistas (1980 a, 290).

O sistema Taylor ocupa um lugar privilegiado em vários escritos de Lenin (1913 a 1918), representando a última palavra do avanço científico e tecnológico do capitalismo para o aumento da produtividade diante da necessidade de organização econômica da sociedade russa.

## O sistema Taylor

O taylorismo, que pode ser identificado com o movimento de organização do trabalho, foi originalmente planejado e testado nos Estados Unidos a partir de 1890, e formulado pelo engenheiro Frederick Winslow Taylor. Taylor parte do pressuposto de que os interesses entre “patrão” e “empregado” não são contraditórios, de modo que

a prosperidade do empregador não pode existir sem a prosperidade do empregado. A “prosperidade” defendida por Taylor diz respeito à “maior produção possível dos homens e máquinas do estabelecimento, isto é, quando cada homem e cada máquina oferecem o melhor rendimento possível” (TAYLOR, 1985, p. 31). Esse objetivo exige, de acordo com Taylor, a superação de algumas “falhas” do processo produtivo, ou seja, a resistência operária face à intensificação do trabalho, estratégia classificado por Taylor de “vadiagem” ou “indolência sistemática”. No entanto, o que Taylor denomina “falhas” no processo produtivo são os “poros” existentes na jornada de trabalho, que devem ser superados através da imposição ao operário, por parte da gerência, “da maneira rigorosa pela qual o trabalho deve ser executado” (BRAVERMAN, 1977, p. 86).

Se o sistema Taylor se caracteriza como mais um método de organização capitalista do trabalho, a questão que se coloca é como ele poderia contribuir, na visão de Lenin, para a organização econômica da sociedade russa e de que maneira o proletariado se apropriaria desse sistema para a concretização da transição socialista.

### Lenin e o taylorismo<sup>6</sup>

É possível analisar o desenvolvimento da posição de Lenin concernente ao sistema Taylor em vários de seus escritos: *Sistema “científico” para esmagar o operário* (1913); *O sistema Taylor é a escravização do homem pela máquina* (1914); *Cadernos sobre o Imperialismo* (1915-16), *Tarefas imediatas do poder dos soviets* (1918), bem como a primeira versão desse artigo, também de 1918.

Nesses primeiros escritos, Lenin reflete sobre o agravamento da resistência operária face à implantação do taylorismo em alguns países *imperialistas* como França e Estados Unidos<sup>7</sup>. Consciente dessa resistência, Lenin ressalta, em *Sistema “científico” para esmagar o operário* (1913), que o taylorismo aumenta a exploração sobre o trabalhador:

<sup>6</sup> Esta apresentação do que poderíamos denominar “taylorismo soviético” está ancorada nas análises de Robert Linhart (1976). Francês, sociólogo e filósofo, Robert Linhart foi influenciado pelas teses desenvolvidas pelo filósofo francês Louis Althusser, de quem foi aluno, e pela experiência da Revolução Cultural Chinesa. Em minha dissertação de mestrado (LAZAGNA, 2002), retomei a análise de Linhart (1976), relacionando-a ao debate, ocorrido na URSS nos anos de 1920, sobre a aplicabilidade ou não do modelo taylorista à serviço do socialismo.

<sup>7</sup> Segundo Linhart (1976: 84), “Durante o inverno 1912-1913, uma greve importante na França nas fábricas Renault, contra a introdução do sistema Taylor e da cronometragem. Nos Estados Unidos, o sistema Taylor, adotado há apenas uma década, choca-se contra uma ativa resistência dos sindicatos e de uma parte dos meios patronais...”.

Em que consiste este “sistema científico”? Em sugar do operário três vezes mais trabalho no transcurso da mesma jornada de trabalho. Faz-se trabalhar o operário mais forte e hábil; registra-se valendo-se de um relógio especial – em segundos e décimos de segundo – o tempo investido em cada operação, em cada movimento; elaboram-se os procedimentos de trabalho mais econômicos e produtivos; reproduz-se o trabalho do melhor operário em uma cena cinematográfica... (LENIN, 1986b, p. 18).

Ao descrever o taylorismo como uma “alavanca de aumento da exploração humana” Lenin critica em outra passagem o esgotamento físico do qual padece o operário quando submetido a esse sistema de trabalho:

... as mesmas 9 ou 10 horas da jornada de trabalho explora do operário três vezes mais trabalho, dilapidam-se, sem piedade, todas as suas energias, absorve-se com triplicada rapidez cada gota de energia nervosa e muscular do escravo assalariado. Quem morrerá antes? Há muitos esperando nas portas das fábricas! (LENIN, 1986b, p. 18-19).

Em decorrência da intensificação da jornada de trabalho, Lenin constata a possibilidade de aumento do desemprego, ou seja, menos operários trabalhando, porém, produzindo mais: “No começo, aumentam o salário para o trabalhador. Porém, centenas de trabalhadores são demitidos. Os que ficam, trabalham com quatro vezes mais intensidade, deteriorando-se no trabalho” (1986b, p. 19).

No artigo *O taylorismo é a escravização do homem pela máquina*, de 1914 (quando eclode a primeira guerra mundial), Lenin também denuncia que esse sistema intensifica a *exploração do operário*, cada vez maior no sistema capitalista:

A concorrência que se intensifica sobre as épocas de crise, como a que estamos sofrendo, obriga-o [o capitalismo] a inventar novos meios de baratear a produção. Porém, a dominação do capital converte, cada vez mais, todos esses meios em instrumentos de opressão sobre o operário. O taylorismo é um destes meios (LENIN, 1986c, p.390).

Subordinado ao sistema capitalista, o taylorismo intensifica a exploração do operário; no entanto, a busca incontrolada pelo aumento da produtividade provocaria, segundo Lenin, uma desorganização na produção e o surgimento de crises:

O capital organiza e ordena o trabalho dentro da fábrica para oprimir ainda mais o operário e para aumentar seu próprio lucro. E em toda a produção social continua e aumenta o caos, que leva à crise, quando as riquezas acumuladas não encontram compradores e milhões de operários perecem e passam fome, sem poder encontrar trabalho (LENIN, 1986c, p. 392).

Entretanto, esse texto contém uma mudança na concepção leniniana do taylorismo já que uma ressalva lhe é feita. Caso não se limite à fábrica, o taylorismo apresentaria

uma outra aplicabilidade: estendido a toda a sociedade, possibilitaria que os operários conduzissem a produção social.

O taylorismo, sem que o queiram seus autores e contra a vontade destes, aproxima o tempo em que o proletariado tomará em suas mãos toda a produção social e designará suas próprias comissões, comissões operárias, para distribuir e ordenar acertadamente todo o trabalho social. A grande produção, as máquinas, as ferrovias, os telefones, tudo isto oferece inúmeras possibilidades de reduzir quatro vezes o tempo de trabalho dos operários organizados, assegurando-lhes um bem-estar quatro vezes maior do que hoje. E as comissões operárias, com a assistência dos sindicatos operários, saberão aplicar estes princípios de distribuição sensata do trabalho social quando este se vir livre da escravização pelo capital (LENIN, 1986c, p. 392).

Sistematizando as críticas de Lenin ao taylorismo, Linhart (1976, p. 94) ressalta os seus principais pontos: o taylorismo, aplicado à produção capitalista, seria a causa da “superexploração produtivista, do desemprego, do fortalecimento da aristocracia operária pelo aumento dos salários e pelo aumento do número e da importância do papel dos contramestres”. No entanto, Lenin não critica o aprofundamento da divisão entre trabalho de direção e trabalho de execução; “...*não critica a liquidação de toda a iniciativa técnica operária* [pelo taylorismo]. E não menciona a supressão de toda atividade intelectual do operário no decorrer do seu trabalho” (LINHART, 1976, p. 94).

O “aspecto positivo” do taylorismo é bastante ressaltado por Lenin: livre da sua subordinação ao capitalismo, ou seja, dirigido pelos operários sob a ditadura do proletariado, esse sistema seria um princípio organizador da produção, no sentido do desenvolvimento das forças produtivas quando o seu “invólucro” – a propriedade privada dos meios de produção – fosse rompido. Dissociado da sua *função de exploração capitalista*, o taylorismo auxiliaria na racionalização da produção, ao combater a sua forma capitalista “anárquica”. Tratava-se, pois, de separar no taylorismo seus “aspectos positivos” – aumento da produtividade, diminuição da jornada de trabalho, padronização do trabalho manual, democratização do acesso das massas à gestão política e ao controle da produção – dos seus “aspectos negativos” – uma “alavanca capitalista de exploração humana”. De acordo com Sochor (1981, p. 248), na visão de Lenin o taylorismo estaria ligado aos avanços gerais do capitalismo, o que seria positivamente interpretado, desde que esse método pavimentasse o caminho ao socialismo. Logo, a questão principal que Lenin se coloca seria apenas política, ou seja, quem poderia controlar e usar o taylorismo. Como sublinha Martorano (2002, p. 94-95), “vencer politicamente a burguesia e os latifundiários e derrotá-los militarmente até o seu desaparecimento como classe, são os

termos, essencialmente descritivos, que Lenin utiliza para designar a primeira grande função do Estado socialista, que é apresentada como uma simples tarefa política”.

Em *Cadernos sobre o Imperialismo*, anotações realizadas entre 1915 e 1916 e que precedem *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, a reflexão sobre o *Sistema Taylor* ocupa um lugar privilegiado: a racionalização técnica é a forma transitória que prepara o caminho ao socialismo na época do capitalismo monopolista. Essa ideia se concretizará em *Cadernos sobre o Imperialismo* onde Lenin defenderá a tese de que a transformação do capitalismo em capitalismo monopolista prepara a transição a um modo de produção “mais elevado” (o socialismo), já que, em virtude da centralização da produção, a socialização das forças produtivas já teria acontecido. Nesse sentido, a única tarefa a ser cumprida seria a de quebrar o monopólio burguês da propriedade dos meios de produção para que o proletariado pudesse impulsionar o desenvolvimento das forças produtivas. No entanto, nenhuma referência ao sistema Taylor aparece em *Imperialismo*, que aborde exclusivamente “a ‘racionalização’ econômica pelos cartéis e pelos grandes bancos (fornecimento sistemático de subsídios e matérias-primas, controle da indústria pesada, divisão dos mercados.)” (LINHART, 1976, p. 88).

Como já ressaltamos, não é possível justificar a concepção de Lenin do taylorismo por um suposto desconhecimento das greves e dos movimentos de resistência levados a cabo pelos trabalhadores nos países onde esse sistema estava sendo implantado. Lenin constata, em 1913, a difusão do taylorismo pela Europa:

O capitalismo norte-americano lidera todos os outros. O maior desenvolvimento da técnica, a maior rapidez no progresso, tudo isto faz com que a velha Europa vá ao encalço dos ianques (...). Do que mais se fala atualmente na Europa, e em parte na Rússia, é do “sistema” do engenheiro norte-americano Frederick Taylor (LENIN, 1986b, p. 18).

Reconhece, ademais, que Taylor concebia, a partir do seu sistema, formas de evitar as greves contra a sua aplicação:

O autor impôs seu método desde 1883 nas mais diversas indústrias dos Estados Unidos (...). Pensa que, com este sistema, as greves são inevitáveis somente se a maioria dos operários pertencerem a um sindicato, cujos estatutos são tão rigorosos que não permitem a seus filiados trabalhar senão se ajustando às condições fixadas pelo sindicato (LENIN, 1986d, p. 138).

Mesmo que a resistência ao taylorismo tenha materializado a “defesa do saber operário e da autonomia operária”, ela explicitou, segundo Linhart (1976, p. 98), uma posição *conservadora* das frações mais favorecidas da classe operária ocidental e dos sindicatos; o movimento sindical, na luta contra a racionalização do processo produtivo

representava, sobretudo, os trabalhadores qualificados. Logo, o setor sindical atingido pela implantação do taylorismo nas fábricas lutava para garantir a manutenção dos direitos de um segmento da classe operária, e não da classe operária como um todo. Quando, na primavera de 1918, Lenin propõe a implantação do taylorismo nas fábricas russas com o objetivo de acelerar a produção, a oposição virá, justamente, da minoria dos operários qualificados influenciada pelos mencheviques.

Ainda em *Cadernos sobre o imperialismo*, Lenin ressalta aspectos positivos da aplicabilidade do sistema Taylor: a “*estandardização*” do trabalho manual é considerada como *um progresso importante em direção ao socialismo*; essa padronização do trabalho manual deveria se estender a toda a sociedade para que todos pudessem realizar o mesmo trabalho; essa concepção é intrínseca à ideia de democratização do acesso das massas à vida política: a simplificação das tarefas possibilitaria a diminuição do seu tempo de execução, o aumento da produtividade e a diminuição da jornada de trabalho, condições para que os operários pudessem participar da vida política através da gestão estatal. Nesses escritos encontra-se a seguinte fórmula: “Cronometrar-se o estudo dos tempos = o mais ‘interessante’, o mais ‘sensacional’ no sistema Taylor” (LENIN, 1986<sup>a</sup>, p.144)<sup>8</sup>. Lenin defende, pois, o que Linhart (1976) denomina “auto-organização tayloriana” da sociedade. Essa ideia se torna mais explícita quando Lenin se refere ao surgimento, em 1918, dos “sábados comunistas”, considerados como *a primeira iniciativa de trabalho verdadeiramente comunista*:

Os “sábados comunistas” têm tanta importância porque foram iniciados não por operários que se encontram em condições excepcionalmente favoráveis, mas por operários de diversas especialidades, incluindo também operários não especializados, serventes que se encontram nas condições *habituais*, isto é, as *mais duras* (LENIN, 1980c, p. 154).

A forma de trabalho dos “sábados comunistas” deveria ser expandida por toda a sociedade para que o socialismo fosse, enfim, alcançado. Essa ideia está associada à possibilidade do nascimento de *um novo sistema político*, no sentido de um “excelente modelo de progresso técnico do capitalismo ao socialismo” (LENIN, 1986d, p. 146).

Em resumo, Lenin aposta que a simplificação da execução das tarefas no processo de produção imediata através da aplicação do taylorismo resultaria numa diminuição da

<sup>8</sup> Lenin (1986d, p. 145-146) também está atento aos estudos do movimento realizados por Frank Gilbreth, relacionados ao aumento da produtividade e com ele concorda quando afirma que “Este estudo contribuiu para reduzir os movimentos não somente dos homens e mulheres, mas também os movimentos dos médicos, enfermeiras, operários, em uma palavra, os movimentos dos trabalhadores de cada tipo de trabalho estudado”, de modo que “Estes estudos têm interesse para toda a sociedade”.



jornada de trabalho. Os operários poderiam, pois, participar da vida política através da gestão estatal, o que lhes garantiria a supervisão e o controle da expansão do taylorismo para toda a sociedade. Já desvencilhado dos seus *traços capitalistas* (pois *controlado* pelo proletariado), esse sistema impulsionaria o desenvolvimento das forças produtivas, abrindo o caminho para o exercício da *democracia socialista pelas massas*.

O Estado socialista pode surgir unicamente como uma rede de comunas de produção e consumo, que registrem conscienciosamente a sua produção e consumo, economizem o trabalho, elevem constantemente a sua produtividade e com isso alcancem a possibilidade de reduzir a jornada de trabalho até sete, seis horas e mesmo menos... O capitalismo deixou-nos em herança organizações de massas capazes de facilitar a transição para o registro e o controle de massas da distribuição de produtos (LENIN, 1980b, p. 571).

Porém, Lenin não vislumbra a subordinação da diminuição da jornada de trabalho a uma transformação dos métodos de organização da produção imediata através da livre iniciativa e da autogestão operária. Apesar das experiências levadas a cabo pelo *Controle Operário dos Sovietes*, entre finais de 1917 e 1918, no sentido de comandar o processo produtivo através da atuação das comissões de fábrica presentes nos principais centros industriais<sup>9</sup>, Lenin não abre mão de defender a “organização do registro e do controle” e da “elevação da produtividade do trabalho em escala nacional” através da mais completa disciplina do trabalho para se chegar ao socialismo (1980b, p. 564). Mesmo reconhecendo que, numa economia socialista, a supressão da separação entre *trabalho manual e trabalho intelectual* – própria à divisão especificamente capitalista do trabalho – dever acontecer, Lenin não indica os passos para essa superação.

A base econômica da extinção completa do Estado é um desenvolvimento tão elevado do comunismo que nele desaparece a oposição entre trabalho espiritual e o trabalho manual (...) a simples expropriação dos capitalistas (...) dará a possibilidade de um desenvolvimento gigantesco das forças produtivas (...). Mas qual será a rapidez deste desenvolvimento, com que rapidez atingirá uma ruptura com a divisão do trabalho (...) isto não sabemos e *não podemos saber* (LENIN, 1980 a, p. 287).

<sup>9</sup> Segundo Arbix (1997: 26), as comissões de fábrica representaram, principalmente em Petrogrado, uma das conquistas mais importantes da revolução de fevereiro, que precedeu a revolução de outubro. Assumindo, nas indústrias, o papel dos sindicatos e outras funções como: “acompanhamento das demissões e contratações, de supervisão geral do funcionamento da produção, de alimentação dos operários e mesmo de interferência nos sistemas de formação educacional”, essas comissões possuíam um lugar chave na revolução de outubro e sua intervenção passa a focar a destruição das estruturas hierárquicas e autoritárias da indústria.

Mesmo que os traços gerais que delineiam a concepção leniniana sobre a aplicação do taylorismo na economia russa permaneçam inalterados, é importante que algumas questões, concernentes ao agravamento das condições econômicas que atingem a sociedade russa entre 1917 e 1918, sejam levadas em consideração. Em decorrência da primeira guerra mundial e da guerra civil, a Rússia é assolada pela fome e pelo caos econômico. As indústrias estão paralisadas e as colheitas não são distribuídas pelos camponeses que sofrem grande influência dos mencheviques e dos Socialistas Revolucionários (SR). Nesse sentido, ao compararmos as duas versões de *Tarefas imediatas do poder dos soviets*, é possível notar que na primeira versão (março de 1918), Lenin ressalta uma diferença entre o sistema Taylor quando subordinado ao capitalismo e o que viria a ser o “taylorismo socialista”, um taylorismo libertador que democratizaria o acesso das massas ao domínio da ciência e da técnica, bem como diminuiria o tempo da jornada de trabalho, beneficiando-as através da redução do dispêndio da sua força de trabalho e da sua participação na gestão política da sociedade soviética.

A República Soviética socialista enfrenta uma tarefa que sucintamente pode formular-se: devemos implantar em toda a Rússia o sistema Taylor e a elevação científica norte-americana da produtividade do trabalho, conjugando este sistema com a redução do tempo de trabalho, com o emprego de novos métodos de produção e de organização do trabalho, sem prejudicar em absoluto a força de trabalho. Pelo contrário, o emprego do sistema Taylor, corretamente dirigido pelos próprios trabalhadores se estes são bastante conscientes, constituirá o meio mais seguro para uma sucessiva e enorme redução da jornada de trabalho obrigatória de toda a população trabalhadora, o meio mais seguro para que em um período bastante curto realizemos a tarefa que se pode expressar aproximadamente assim: seis horas diárias de trabalho físico para cada cidadão adulto e quatro horas de trabalho na administração do Estado (LENIN, 1986d, p.146).

A liberdade seria conquistada pelo operariado e o *novo homem* soviético surgiria: o operário, através da racionalização do processo produtivo aprenderia a trabalhar de forma socialista, ou seja, as tarefas simplificadas libertar-lhe-iam da intensa jornada de trabalho – na qual sua força de trabalho é superexplorada – através da sua diminuição, para participar da vida política.

Nessa primeira versão do artigo o pano de fundo para a transição ao socialismo é, principalmente, o aumento da produtividade, resultado da organização da economia e do desenvolvimento das forças produtivas; some-se a isso a necessidade de libertação dos operários do jugo da exploração capitalista. O taylorismo, aplicado e dirigido pelas

*comissões operárias* e expandido a toda a sociedade seria o meio para a autodeterminação das massas, a pavimentação do caminho que conduziria ao socialismo.

A segunda versão de *As tarefas imediatas* é redigida em abril de 1918. De outubro 1917 ao fim de maio de 1918 (início das “revoltas brancas” lideradas pelo exército czarista), ocorre implantação do poder proletário e das transformações econômicas e políticas iniciais.

Durante esses meses, o poder soviético procura destruir o poder econômico que dá à burguesia a propriedade dos principais meios de produção e de circulação, nacionalizando as grandes empresas industriais, as minas, os bancos, etc., e colocando o conjunto da economia sob o controle da classe operária, ao mesmo tempo que evitava efetuar nacionalizações generalizadas (BETTELHEIM, 1979, p. 55).

Segundo Bettelheim (1979), Lenin caracteriza essa política de “capitalismo de Estado”, que seria seguida por um “segundo passo ao socialismo”, possibilitando a passagem “à regulamentação da produção pelos operários”; defende, pois, o aumento da produtividade para que se restabeçam as forças produtivas arruinadas durante o período de guerra:

... a tarefa principal do proletariado e do campesinato pobre por ele guiado é (...) o trabalho positivo ou construtivo de organização de uma rede extraordinariamente complexa e delicada de novas relações de organização que abarquem a produção e a distribuição planejada dos produtos necessários à existência de dezenas de milhões de pessoas. Ao criar um novo tipo de Estado, o Estado Soviético, que abre às massas trabalhadoras e oprimidas a possibilidade de tomar uma parte muito ativa na construção independente da nova sociedade, resolvemos apenas uma pequena parte de uma tarefa difícil. A dificuldade principal reside no campo econômico: realizar um registro e um controle rigorosíssimo e geral da produção e distribuição dos produtos, elevar a produtividade do trabalho, *socializar de fato* a produção (LENIN, 1980b, p.560).

Se a primeira grande tarefa do Estado sob a ditadura do proletariado – vencer politicamente a burguesia e os latifundiários – já havia sido iniciada, a questão que passa a ser central é a concretização dessa tarefa, que depende de quem administrará o desenvolvimento da produtividade.

*Conquistamos* a Rússia – dos ricos para os pobres, dos exploradores para os trabalhadores. Agora devemos *administrar* a Rússia. E toda a peculiaridade do momento que vivemos, toda a dificuldade consiste em compreender as particularidades da transição da tarefa principal de convencer o povo e esmagar militarmente os exploradores para a tarefa principal de *administrar* (LENIN, 1980b, p. 562).

Para tanto, seria necessário aprender com os técnicos burgueses toda forma de aplicação da ciência e técnica capitalistas mais avançadas. Mas, para que esses técnicos cumprissem o papel de *ensinar o trabalhador russo a trabalhar*, dever-se-ia pagar-lhes altos salários, o que Lenin considera “um passo atrás do poder de Estado socialista” (LENIN, 1980b, p. 567).

Sem a direção dos especialistas dos diferentes ramos do conhecimento, da técnica, da experiência, é impossível a transição para o socialismo, porque o socialismo exige um movimento de avanço consciente e massivo para uma produtividade do trabalho superior em comparação com o capitalismo e na base do que foi alcançado pelo capitalismo (LENIN, 1980b, p. 566).

Mas o que fundamentalmente diferencia essa versão de *Tarefas imediatas* da sua versão preliminar é a defesa da adoção do *diretor único* nas indústrias para que a “anarquia da produção”, resultado da desorganização da produção nas indústrias e do trabalho nas estradas de ferro, fosse superada. “Aprender a trabalhar” passa a ser a grande tarefa dos operários e camponeses russos para que os técnicos burgueses, “corrompidos pelos costumes burgueses” não mais fossem necessários. A adoção do trabalho obrigatório é defendida sob o eufemismo “trabalho preparatório de organização”. A disciplina laboral passa a ser imprescindível para a elevação do desenvolvimento das forças produtivas e para a solução do caos instaurado na Rússia.

... toda a grande indústria mecanizada – isto é, precisamente a fonte e a base material, produtiva do socialismo – exige uma unidade de vontade absoluta e rigorosíssima que dirija o trabalho comum de centenas, milhares e dezenas de milhares de pessoas. Tanto tecnicamente como economicamente e historicamente esta necessidade é evidente e quantos pensaram no socialismo sempre a reconheceram como sua condição. Mas como pode ser assegurada a mais rigorosa unidade de vontade? – Por meio da subordinação da vontade de milhares à vontade de um só (LENIN, 1980 a, p. 581).

Porém, Lenin, ao considerar que o único problema resultante da atuação de técnicos burgueses no processo produtivo se restringe ao pagamento de altos salários, e ao defender a obediência irrestrita ao diretor único nas empresas, parece ignorar que a defesa desse tipo de disciplina de trabalho, subordinada a um comando hierárquico inflexível, coíbe qualquer iniciativa operária no sentido de transformação das técnicas de trabalho e dos meios de produção. Lenin em nenhum momento contempla, concomitantemente ao plano de organização do registro e controle da produção, a transformação das forças produtivas capitalistas através da superação da divisão entre trabalho de direção e de execução – aprofundada pelo taylorismo e razão de existência desses mesmos técnicos.

A defesa da adoção do diretor único nas fábricas pauta-se, ademais, no argumento de que a forma de *ditadura* da produção sob o regime soviético estaria a serviço do combate à ideologia pequeno-burguesa que perpassaria todo o processo produtivo.

Quanto mais nos aproximamos do total esmagamento militar da burguesia mais perigoso se torna para nós o elemento da anarquia pequeno-burguesa. E contra este elemento não se pode lutar apenas por meio da propaganda e da agitação, apenas por meio da organização da emulação, apenas por meio da seleção de organizadores; tem de se lutar também por meio da coação (LENIN, 1980b, p.579).

Lenin luta contra o que considera ser a pior herança do capitalismo: a “anarquia da produção” e o burocratismo. Os métodos de controle tayloristas deveriam, nesse sentido, ser empregados “a partir de baixo, para paralisar qualquer sombra de possibilidade de deturpação do Poder Soviético, para arrancar repetida e infatigavelmente a erva daninha do burocratismo (LENIN, 1980 a , 586). No entanto, como bem salienta Linhart (1976, p. 114), o taylorismo é, em essência, a burocratização da produção, de modo que “Lutar contra o burocratismo apoiando-se no taylorismo (...) não significa jogar pela janela aquilo que se reintroduz pela porta principal?”.

“O elogio ao taylorismo”, como salienta Bensaïd, indica que Lenin “persiste em sua *utopia gestionária*, imaginando que quando o Estado e a autoridade política desapareçam, ‘as funções públicas perderão seu caráter político e se transformarão em simples funções administrativas’” (1997, grifo meu, A. L.). O entusiasmo de Lenin pelo taylorismo, bem como pela função de supervisão e controle da racionalização da produção que atribui à ditadura do proletariado, não se reduz à “extinção do Estado, mas claramente à extinção da política, solúvel na administração das coisas” (BENSAÏD, 1997).

Lenin estabelece como pressuposto do desenvolvimento do sistema produtivo russo o primado do desenvolvimento das forças produtivas *em geral* que, impulsionado pelo proletariado no poder, liquidaria a divisão entre o trabalho de direção e de execução através da socialização da técnica. Mas, ao não questionar a natureza das forças produtivas, ao limitar a transformação do processo produtivo capitalista a uma mudança da administração e da planificação da economia, bem como ao pleno desenvolvimento da ciência e da técnica, acaba prevalecendo em Lenin uma concepção neutra das forças produtivas. Essa visão concebe as máquinas, as ferramentas e os meios de produção em geral como objetos materiais que possuem apenas as características exigidas pelas regras “técnicas” da sua fabricação. No entanto, como ressalta Coriat (1976, p. 102),

... antes da técnica estão a política, a luta de classes e a apropriação da técnica pelo capital. O que explica e faz possível que as características técnicas sejam as necessárias, não para uma maior eficácia do trabalho “em geral” – o que não quer dizer nada: não se trabalha “em geral”, mas sempre sob relações de produção concretas – mas para a maximização do produto [mais-valia] em condições de uma divisão do trabalho que assegure ao capital o controle do processo de trabalho (...). A instauração da dominação é, de alguma maneira, condição para a extração máxima de mais-valia; os dois imperativos aparecem, pois, como complementares.

Não é possível compreender os elogios de Lenin ao taylorismo, bem como a defesa da adoção de técnicos burgueses e do diretor único no processo de produção, se nos restringirmos a um argumento conjuntural, ou seja, às dificuldades atravessadas pela sociedade russa como causas dessas eleições. Ao contrário, é preciso considerar, de acordo com Linhart (1976, p. 93) que a dialética leniniana, ao delimitar um “objetivo central (...) para a etapa em curso”, tudo lhe subordina, “mesmo que o preço a pagar sejam as contradições suplementares e os obstáculos suplementares para o desenvolvimento posterior”. Partindo dessa explicação, dissolve-se a sombra de dúvida que paira sobre os motivos que teriam levado Lenin a aceitar o aprofundamento da divisão entre o trabalho de direção e de execução no processo de produção soviético, através do fortalecimento da sua *estrutura autoritária*.

Para concluir a comparação entre as duas versões de *Tarefas imediatas...*, importa ressaltar os seguintes aspectos: enquanto na primeira versão a *emancipação humana do jugo capitalista da exploração do trabalho* somente aconteceria se o taylorismo fosse aplicado em toda a sociedade, na versão definitiva o enfoque sobre a aplicação do taylorismo é diferente, pois se restringe ao aumento da produtividade. Essa versão, além de expressar o agravamento da conjuntura na qual estava mergulhada a Rússia, privilegia, como meio de “elevação da consciência do operário russo”, a educação do trabalho, através da adoção do sistema de diretor único. Logo, vigora nesse texto uma concepção mais clássica do taylorismo como *centralização autoritária do processo de trabalho*. Entretanto, há um pano de fundo comum entre as duas versões: De acordo com Linhart (1976, p. 112), Lenin ainda insiste na ideia de que é necessário “...quebrar o monopólio do saber técnico; as massas devem ter acesso a ele”.

Mesmo que a Revolução de outubro tenha rompido com “as cadeias mais antigas, mais fortes e mais pesadas, com as quais se submetiam as massas pela força (...) essa mesma revolução”, aponta Lenin (1980b, p. 581), “precisamente no interesse do socialismo,

exige a obediência sem reservas das massas à vontade única dos dirigentes do processo de trabalho”. De acordo com Querzola (1978, p. 60), para Lenin “Submissão dos operários e ditadura do proletariado se identificam dialeticamente”. Dito de outro modo, a *coabitação* entre uma organização democrática, no âmbito da gestão estatal, e uma disciplina exemplar no interior do processo produtivo à qual deveriam se submeter os trabalhadores era defendida por Lenin sem uma consideração profunda do seu caráter contraditório:

É preciso consolidar o que nós próprios conquistamos, o que nós próprios decretamos, legalizamos, discutimos e projetamos, consolidar em formas estáveis de uma disciplina do trabalho diária. Esta é a tarefa mais difícil, mas também a mais grata, pois só a sua resolução nos dará a ordem socialista. É preciso aprender a conjugar o democratismo dos comícios das massas trabalhadoras... com a disciplina *férrea* durante o trabalho, com a *obediência sem reservas* à vontade de uma só pessoa, do dirigente soviético, durante o trabalho (LENIN, 1980b, p.583).

## O taylorismo como concepção teórica

Segundo Linhart, as condições materiais da sociedade russa após a Revolução de outubro não viabilizaram a aplicação e o desenvolvimento imediato do taylorismo no processo produtivo, já que o operário russo ainda não tinha acumulado um capital de conhecimentos e de práticas técnicas. O taylorismo, enquanto método de expropriação do saber operário e de consolidação de um sistema de direção do trabalho, “toma toda sua dimensão de ofensiva estratégica no plano social, quando ataca classes operárias poderosas, experimentadas, qualificadas, herdeiras de séculos de ofícios, de corporações, de artesanato” (1976, p. 100). Não existia nada semelhante na Rússia de 1918.

Uma das principais razões para que essa classe operária russa não fosse qualificada como as classes operárias dos principais países imperialistas, nos quais o taylorismo estava sendo implantado, pode ser encontrada na própria natureza do capitalismo russo: as grandes indústrias presentes nessa formação social eram de origem estrangeira e não recrutavam uma força de trabalho local para as funções mais elevadas. Apelava-se, assim, segundo Linhart (1976, p. 101) aos estrangeiros, “no tocante aos trabalhos qualificados e à manutenção da maquinaria, deixando para os operários russos os empregos manuais [braçais]”. Ademais, as indústrias na Rússia se especializavam na fabricação de produtos semiacabados para exportação, sendo as indústrias mecânicas e químicas (viveiros de operários qualificados) pouco desenvolvidas. Também não há na Rússia o desenvolvimento

de pequenas e médias empresas, as quais, nos países capitalistas imperialistas, são o lugar privilegiado para o surgimento de uma força de trabalho experiente, qualificada, não só na técnica da produção, mas também no histórico de lutas e reivindicações contra o crescimento da sua exploração.

Logo, o taylorismo não foi efetivamente implantado na Rússia/União Soviética entre o período leninista (1917-1924) e o abandono da NEP (Nova Política Econômica) em 1929<sup>10</sup>. De acordo com Bettelheim (1983, p. 238), mesmo que durante o período da NEP a ideia de um “taylorismo soviético” estivesse presente, nenhuma realização concreta de aplicação desse sistema ocorreu; de fato, o que se desenvolveu foi “um sistema de salário baseado em normas estabelecidas pelas direções de empresas e pelos órgãos de planejamento, em condições muito variáveis (...) e correspondendo a um salário por peças em geral acompanhado de prêmios”. Ademais, a duração da jornada de trabalho, sob a adoção do diretor único, chegava a atingir mais de 18 horas, quando não 24... Nesse sentido, de acordo com Arbix (1997, p. 25), “A imagem de que o socialismo futuro (...) poderia ser equacionada nas fábricas a partir do binômio taylorismo-controle operário, desmanchar-se-ia rápida e tragicamente”.

---

10 Segundo Bettelheim (1979), no final do período da guerra civil e da intervenção estrangeira, a Rússia encontra-se devastada. Por isso, adota-se a NEP que, a princípio, apresenta-se como um retorno ao “capitalismo de Estado” do inverno de 1917-18. Mas a concepção da NEP sofre diversas transformações até ser abandonada. Um de seus principais aspectos é o restabelecimento da liberdade do comércio dos produtos agrícolas.



## Referências Bibliográficas

ARBIX, Glauco (1997). “Notas sobre a taylorização soviética do trabalho”. In: *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba: UFPR, nº 08, pp. 21-30.

BALIBAR, Étienne (1999). “Dictature du Proletariat”. In: LABICA, Georges; BENSUNSSAN, Gérard (Eds.). *Dictionnaire Critique du Marxisme*. 3ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, pp. 323-332.

BENSAÏD, Daniel. (2007). *El Estado, la democracia y la revolución: una vez más sobre Lenin y 1917*. Trad. de Alberto Nadal. <http://danielbensaid.org/El-Estado-la-democracia-y-la?lang=fr> (consultado em 1º de maio de 2017).

BETTELHEIM, Charles (1979). *Luta de Classes na União Soviética*. Primeiro Período (1917 – 1923). Trad. de Bolívar Costa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_ (1983). *Luta de classes na União Soviética*. Segundo Período: (1923 – 1930). Trad. de Flávio Pinto Vieira. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BRAVERMAN, Henry (1977). *Trabalho e capital monopolista*. A degradação do trabalho no século XX. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

CORIAT, Benjamin (1976). *Ciencia, técnica y capital*. Trad. de María Teresa Martínez; Miguel Pelliser. Rosario; Madrid: H. Blume.

LAZAGNA, Angela (2002). *Lenin, as forças produtivas e o taylorismo*. Campinas. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

LENIN, Vladimir I. (1980a [1917]). “O Estado e a revolução”. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, vol. 02.

\_\_\_\_\_ (1980b [1918]). “As tarefas imediatas do poder soviético”. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, vol. 02.

\_\_\_\_\_ (1980c [1918]). “Uma grande iniciativa”. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, vol. 03.

\_\_\_\_\_ (1980d [1917]). “Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução”. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo, Editora Alfa-Ômega, vol. 2, pp. 11-48.

\_\_\_\_\_ (1986a [1915-1916]). “Cuadernos sobre el Imperialismo”. In: *Obras Completas*. Moscú: Editorial Progreso Moscú, vol. 28.

\_\_\_\_\_ (1986b [1913]). “Sistema ‘científico’ de estrujar el sudor”. In: *Obras Completas*. Moscú: Editorial Progreso Moscú, vol. 23.

\_\_\_\_\_ (1986c [1914]). “El taylorismo es la esclavización del hombre por la maquina”. In: *Obras Completas*, Moscú, Editorial Progreso, vol. 24.

\_\_\_\_\_ (1986d [1918]). “Las tareas inmediatas del poder soviético (de la

primera variante del artículo)”. In: *Obras Completas*. Moscú: Editorial Progreso Moscú, vol. 28.

\_\_\_\_\_ (1986e [1916]). “Imperialismo, fase superior do capitalismo”. In: *Obras escolhidas*. 3ª edição. São Paulo: Alfa-Omega, vol. 01.

LINHART, Robert (1976). *Lénine, les paysans, Taylor* (Essai d’analyse matériel historique de la naissance du système productif soviétique). Paris: Éditions du Seuil (Collection “Combats”).

MARTORANO, Luciano Cavini (2001). “Elementos do Estado socialista na Comuna de Paris”. In: BOITO JR., Armando (Org.). *A comuna de Paris na História*. São Paulo: Cemarx/IFCH; Xamã, pp. 67-79.

\_\_\_\_\_ (2002). *A Burocracia e os desafios da transição socialista*. São Paulo: Anita Garibaldi; Xamã.

QUERZOLA, Jean. (1978). “Le chef d’orchestre a la main de fer: Léninisme et Taylorisme”. In: MURARD, Lion ; ZYLBERMAN, Patrick (Eds.). *Le soldat du travail*. Guerre, fascisme et taylorisme. Paris: Cahiers de Recherches, n° 32-33, pp. 57-94.

SOCHOR, Zenovia A. (1981). “Soviet taylorism revisited”. In: *Soviet Studies*, vol. XXXIII, n° 02, April, pp. 246-264.

TAYLOR, Frederick Winslow. (1971). *Princípios de administração científica*. Trad. de Arlindo Vieira Ramos. 7ª edição. São Paulo: Atlas.